

Paulo Alexandre de Carvalho Moraes

**O atletismo na escola numa concepção além do
rendimento motor**

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas
1998**



Paulo Alexandre de Carvalho Moraes

**O atletismo na escola numa concepção além do
rendimento motor**

**Monografia apresentada como
requisito obrigatório para obtenção
do título de Graduado em licenciatura
no curso de Educação Física, sob a
orientação do Professor Dr. Miguel de
Arruda**

**Campinas
1998**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, ao professor João Batista Andreotti Gomes Tojal e ao meu orientador Miguel de Arruda, cuja ajuda foi imprescindível para a realização deste estudo.

SUMÁRIO

Agradecimentos	3
Sumário	4
Introdução	5
1- ^{Saltelemos na} Educação Física escolar atual	8
2- ^{Ativa} Análise da Educação Física escolar atual	13
3- Educação Física com uma concepção aberta às experiências dos alunos	21
4- ^{Aberto} Concepção (aberta às experiências (dos alunos))	24
5- Conclusão	28
6- Bibliografia	31

INTRODUÇÃO

O atletismo pode ser trabalhado na escola como parte de um dos conteúdos da Educação Física que é o esporte. No entanto, o atletismo é mais que uma modalidade esportiva, é uma atividade que está presente na vida das pessoas.

Correr, saltar ou lançar independentemente de técnica é uma prática constante em nossas vidas. Esta prática vai desde correr atrás de um ônibus até saltar uma poça, jogar uma pedra em um rio ou até mesmo através das outras modalidades esportivas que muitas vezes utiliza-se de movimentos naturais do atletismo. É visível que estas ações estão relacionadas com o atletismo a uma certa distância, bem a grosso modo, mas estão relacionadas. As pessoas praticam as atividades do atletismo a todo instante sem saber.

Juntamente com esta prática indireta, podemos ver que apesar de tímida já há uma certa aparição do atletismo na televisão, seja como forma de notícia, seja na transmissão de eventos esportivos.

Mas, apesar de estar presente em nossas vidas e ser parte da Educação Física, são poucas as escolas que possuem no seu planejamento atividades do atletismo. No país do futebol é difícil encontrar espaço para outras atividades que não estejam relacionadas com um gol e uma bola. Se este não é o motivo, então como explicar então, que uma modalidade tecnicamente fácil de aprender, adaptável em qualquer área livre e presente nas vidas das pessoas não alcança maior iniciativa e participação da população ?

Algumas escolas até trabalham este conteúdo da Educação Física. No entanto, um outro problema surge a partir destas aulas. A reprodução ou o treinamento do gesto técnico são os únicos objetivos destas aulas.

Através de algumas sequências pedagógicas ou “receitas prontas” o professor ensina a execução dos movimento inerentes ao atletismo sem que haja uma discussão ou reflexão sobre as atividades trabalhadas. Ou ainda os alunos treinam a técnica do movimento buscando ficar cada vez mais próximo da perfeição anatômica ou biomecânica de cada gesto, seja a corrida, o salto, o arremesso ou o lançamento.

Como será visto neste estudo, a técnica do atletismo não deve ser banida das aulas de Educação Física. O que não pode acontecer, é uma ênfase desenfreada na técnica fechando todas as outras possibilidades de se trabalhar com e através do atletismo. Se somente a técnica é passada nas aulas de Educação Física, não podemos esperar dos alunos outro desenvolvimento que não seja o físico.

É justamente isso que os estudos na Educação Física de hoje tem buscado mudar. Um outro tipo de desenvolvimento é o desafio atual das aulas dessa área. Essas aulas devem ser capazes de proporcionar aos alunos a possibilidade de praticar, entender, criar e intervir dentro das atividades, torná-los autônomos diante do assunto trabalhado e dar subsídios para que este aluno possa se desenvolver plenamente, tornando-se atuante, criativo e crítico não só durante as aulas como o também na vida.

E é justamente sobre isso que este estudo irá se basear. Mostrar como é possível dar uma aula de atletismo que faça uma ruptura com o paradigma do treinamento e da reprodução de técnicas específicas e que dê aos alunos a possibilidade de desenvolvimento mais global.

Para isso, este estudo irá tratar de uma concepção diferente para as aulas de Educação Física, ele tratará das concepções de aula abertas às experiências dos alunos.

Assim, este estudo procurará mostrar que a forma em que não só o atletismo, mas as modalidades esportivas em geral, são tratadas dentro da escola, não de maneira errada, mas de maneira que apenas uma das possibilidades de ensino é usada.

1- O ATLETISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLAR ATUAL

A primeira parte deste estudo analisou alguns livros que tratassem das aulas de atletismo e do seu ensino. O livro de August Kirsch, Karl Koch e Ubirajara Oro, "Antologia do atletismo, metodologia para iniciação em escolas e clubes" e o livro de Ray F. Kring, "Atletismo nas escolas" foram os livros escolhidos.

A análise foi feita desde a estrutura do livro até a metodologia e os objetivos que cada autor procurou demonstrar para o seu leitor. Desta forma, a idéia de Educação Física e a maneira que ela deve ser trabalhada, de acordo com estes autores, foi analisada, possibilitando assim a aferição do que muitas vezes acontece nas escolas.

O primeiro livro a ser tratado é o livro: "Antologia do atletismo". Inicialmente, será feita uma descrição de um capítulo, mostrando a metodologia que o autor prega para o ensino da Educação Física.

O capítulo escolhido foi o número 4, no qual o autor trata do ensino da corrida, desde sua fase de partida até a melhor maneira de se fazer uma chegada.

Neste capítulo a corrida é tratada do processo de iniciação até a chegada de um movimento mais aproximado do gesto técnico do atletismo. Este processo é iniciado com o ensino da saída baixa.

Primeiramente são explicados alguns dados técnicos para a possibilidade da criação de tacos de saída, onde deve-se obedecer uma angulação de 45 a 55 graus na parte da frente do taco e 70 a 80 graus na parte de trás. Logo após é tratada a questão da posição de saída, na qual até a observação dos ângulos das pernas é observado.

Logo após é iniciada a fase de preparação na qual procura-se uma iniciação para uma forma esportiva da saída, ordenando e levando em frente as formas de exercícios, que possibilitem :

“o aumento da velocidade da passada, melhorem a capacidade de reação e intensifiquem a capacidade de arrancada”.

(KIRSCH, 1984)

Com diversas formas de trabalhar a posição de saída, utilizando-se da competição entre os alunos, o autor espera que haja uma maior facilidade para obter a sensação do movimento e o despertar da sensibilidade para uma posição de saída favorável e mais vantajosa.

Então, o autor descreve alguns dos jogos preparatórios, como por exemplo, **troca de lado, em diagonal**. Este jogo consiste em deixar os alunos separados em dois grupos, um grupo a frente do outro, deixando uma marca entre eles (uma bola, por exemplo). Ao sinal do professor, os alunos deverão correr o mais rápido possível trocando de lado com o outro grupo. Depois de algumas vezes executado o jogo, introduz-se algumas variações na largada, como a partida na posição de cócoras, em decúbito dorsal ou ventral, em posição ajoelhada, etc.

Assim, uma série de exercícios são propostos buscando-se uma base na preparação da saída esportiva. Cada vez mais o exercício vai se assemelhando com a forma institucionalizada do esporte. Como, por exemplo, no **exercício de arrancada a partir da posição agachada**, no qual o grupo de alunos irá correr em velocidade média e ao sinal do professor, os alunos farão um salto em extensão e cairão na posição de cócoras e saindo imediatamente numa arrancada.

Após uma série de exercícios preparatórios, é iniciada a forma de exercícios específicos. No primeiro exercício desta “fase”, os alunos irão executar uma saída alta a partir da posição de passo “curta”. A perna de impulso está à frente e a outra está colocada a um comprimento de pé atrás do calcanhar da primeira. Na posição de “pronto”, a perna da frente forma o ângulo adequado de cerca de 90° , a fim de ser sentida a chamada “flexão de pressão” de cima para baixo.

Em um dos exercícios, os alunos deverão ficar na posição mais agradável, ao sinal de “prontos”. Ao sinal de “já”, segue-se a saída, com uma corrida até a linha de demarcação. Este exercício pode ser dado sobre a forma de competição.

No ensino das outras atividades do atletismo, como os saltos, os arremessos, os lançamentos, a mesma metodologia foi aplicada. O autor justifica seu uso com a seguinte afirmação:

“... a iniciação ao atletismo - visto como um conjunto de técnicas específicas- constitui a primeira fase do processo ensino-aprendizagem para as formas esportivas de caminhar, correr, saltar, lançar e arremessar, utilizadas no atletismo convencional. Representa a passagem dessas

atividades básicas do estágio de padrões gerais para o de formas grossas dos respectivos padrões no atletismo."

(KIRSCH, 1984)

O livro de Ray F. Kring, "Atletismo nas escolas", é um exemplo das obras que podem muitas vezes serem seguidas como um exemplo para uma aula de Educação Física.

Neste livro, uma série de assuntos são tratados desde a maneira que o marketing pode ajudar o professor na conquista de uma grande aceitação do seu programa de atletismo entre todos que estão envolvidos no cotidiano da escola até como fazer o seu próprio equipamento de pista.

No sumário, podemos encontrar os seguintes tópicos: Como vender o seu programa; Como organizar os treinos; Como organizar uma competição; Como treinar velocistas; Como treinar barrieristas; Como treinar as distâncias médias; Como treinar fundistas; Como treinar os revezamentos; Como treinar o "cross-country"; Como treinar o salto com vara; Como treinar o salto em altura; Como treinar o salto em distância; Como treinar os arremessos; Faça seu próprio equipamento de pista.

No tópico como treinar velocistas, o autor descreveu a organização necessária para o desenvolvimento de velocistas. Nesta parte do livro há inicialmente uma referência aos astros do passado e a evolução dos tempos nas competições de atletismo em escolas secundaristas norte-americanas.

Em seguida é tratada a questão da procura por um velocista. Após encontrar um, a nova tarefa será planejar um treinamento para possibilitar a melhoria de velocidade dele.

Então o autor comenta sobre a partida, os tipos de partida e da mecânica da partida de Armin Hary. Fala da técnica das provas de velocidade, da chegada e cita alguns conselhos aos velocistas. Por último, mostra um exemplo de treinamento de um velocista.

Os outros tópicos do livro são tratados da mesma maneira, citando um pouco do histórico, das características e um exemplo de treinamento.

2- ANÁLISE DESTA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ATUAL

Estes livros foram estudados e analisados para que possibilitassem uma visão da maneira que a prática do atletismo é muitas vezes tratada dentro das escolas.

Ao analisar o livro de August Kirsch, é possível verificar uma certa preocupação com o treinamento precoce, o fato de negar, pelo menos nas aulas de Educação Física, o lema *citius, altius e fortius* (mais rápido, mais alto, mais forte). O autor escreve que a linha pedagógica proposta no livro opõe-se à idéia de iniciar a todos apenas para aproveitar os melhores.

“ ... ver na iniciação esportiva, principalmente, um veículo para a obtenção de campeões é restringir o significado de esporte à palavra concorrência, mistificando a prática esportiva como atribuição e privilégio de atleta. É exercitar uma pedagogia de risco, que tende por criar nas pessoas a percepção de esporte como algo para se ver, em lugar de algo para se fazer.”

(KIRSCH,1984)

No decorrer do texto o autor ainda fala sobre a fase pedagogicamente fundamental da iniciação que é muitas vezes e infelizmente, cercado pelo critério do rendimento absoluto dentro de sua didática, causando assim, uma

indesejável e bastante precoce elitização, bem como a tendência a uma especialização precoce.

Este tipo de critério induz no professor uma ação de apurar resultados cada vez mais altos e no menor tempo possível, mesmo nas crianças. Em função disto, as crianças talentosas tendem a receber mais atenção por parte do professor, enquanto a grande maioria fica sem o mínimo necessário para um acompanhamento didático sério.

Este tipo de compreensão é um passo importante em relação as aulas que tinham no desempenho, no vigor físico e no treinamento os principais objetivos a serem alcançados dentro de uma aula de Educação Física. Para Kirsch, é necessário uma certa preocupação com o lúdico e uma defesa da atuação livre e voluntária.

Ao analisar o livro de Ray F. Kring, é possível verificar que alguns pontos podem ser amplamente trabalhados, mesmo que esta não seja a intenção do autor, durante as aulas de atletismo, como a criação do seu próprio equipamento de pista ou ainda como organizar uma competição.

É visível que estas duas obras possuem pontos interessantes sobre a prática das atividades do atletismo na escola. Qualquer uma destas obras poderia ser consultadas por um professor e a partir delas criar algumas idéias para a execução durante uma aula.

No entanto, é preciso tomar cuidado com a literatura que está disponível. Não seria adequado se um professor pegasse um desses livros e fizesse dele a sua "bíblia", se ele não usasse um pouco de reflexão e crítica para analisar os prós e contras da obra. Muitos professores podem simplesmente pegar um livro deste, com receitas prontas e simplesmente

desenvolvê-las numa classe. Este não é o papel do professor. Toda obra que um professor usar, deve passar por uma análise.

Nas obras analisadas, pode-se verificar a presença marcante do esporte formal, que procura, através do encaminhamento dos alunos na realidade social do esporte, a qualificação para uma participação específica nos contextos de ação e movimentos que o esporte exige.

Esta presença do esporte nas aulas de Educação Física faz com que as regras que estão presentes nas aulas sejam as regras que valem no esporte e em suas respectivas modalidades. Não há a possibilidade de criação e crítica de regras. Só há a possibilidade deste tipo de aula existir se o professor for “guiando” os alunos de acordo com o que ele planejou. Assim, o aluno assimila que o tipo de regra presente nestas atividades é : siga o professor.

Quando este tipo de relacionamento é dado, o aluno só terá valor na aula se ele puder cumprir tais regras. Regras que não permitem ao aluno definições de situações autonomamente, o monopólio das decisões cabe a professor.

Este monopólio das decisões provoca também a definição do tipo de comunicação, da distribuição de certos papéis do professor e do aluno e até da motivação. E não só as decisões são monopolizadas como as soluções também. Os problemas que surgirem ao desenvolver da aula, serão resolvidos pelo professor. Assim, a possibilidade do aluno descobrir ou testar regras ou de fazer um acordo fica praticamente anulada e ensina-se, assim, simplesmente a assimilação de regras impostas, previamente definidas e já existentes ou a simples imitação de movimentos determinados, mesmo que estes movimentos não tenham muito sentido. O aluno não é sujeito, mas objeto dentro da aula.

Analisando-se a obra de Kring verifica-se a presença marcante do treinamento esportivo. Quando o autor fixa, por exemplo, um programa de treinamento de velocistas ele já determinou completamente os passos que serão seguidos durante as aulas dele.

Sabe-se que nas aulas deste tema, as aulas serão dadas com uma ênfase no desenvolvimento da partida, de como ganhar velocidade, de como fazer a chegada.

Ou seja, haverá apenas uma transferência de conhecimento para o aluno. Seguindo-se este raciocínio, verifica-se que a obra de August Kirsch apresenta a mesma característica. O professor é o centro do conhecimento e vai “depositando” este conhecimento nos seus alunos, entrando, assim, no “ensino bancário” citado por Paulo Freire que diz existir neste tipo de aula o discurso meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. Com isso, o professor irá evidenciar uma forma de transmissão de sentido que só visa à recepção passiva de conhecimento e seu respectivo depósito. Assim, os alunos são transformados em vasilhames e recipientes a serem preenchidos pelo professor.

“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(FREIRE, 1998)

Com este tipo de ensino, a compreensão só existirá de forma reprodutiva e os alunos conseguirão experimentar os conteúdos se o professor os prepara tematicamente.

Toda bagagem motora que os alunos trazem e fazem no seu mundo extra-escolar, toda troca de experiências, exploração de espaços e materiais são substituídos nas aulas de Educação Física por uma forma em que as normas motoras são colocadas diretamente para solução imediata sem a interferência do aluno.

Talvez este seja o maior deslize cometido por August Kirsch em sua obra. Não que ele tenha cometido um ato isolado. Provavelmente, grande partes das obras sobre o atletismo deve pregar um ensino como este. Ainda mais se considerarmos que o treinamento esportivo é um fator muito presente no “mundo” da Educação Física. A questão do rendimento se apresenta como fator importante nas aulas e as técnicas esportivas são muito trabalhadas.

“ Hoje em dia, a tarefa principal da aula de Educação Física é introduzir os alunos nos modelos socialmente dominantes do esporte e qualificar os indivíduos para participar dos contextos específicos de ação e normas do esporte.”

(Grupo de trabalho pedagógico UFPe – UFSM , 1991)

E é justamente o treinamento esportivo que é tratado no livro de Kring. Colocado abertamente como algo a ser priorizado nas aulas de Educação Física.

Outra questão que pode ser considerada no mínimo polêmica é a questão das “receitas prontas”, dos manuais, das atividades que vão ganhando apenas maior dificuldade com o passar das aulas, compreendendo assim um conteúdo fixo e um procedimento de treinamento que deve levar a um

melhoramento na qualidade de formas de movimento. Tal procedimento exigirá um certo desempenho do aluno ao final da aula.

Pensando-se sobre este ponto de vista, a aquisição de certa capacidade de movimento passa por uma fase de coordenação grossa do movimento no qual as características principais do movimento são aprendidas. Na próxima fase o aluno passaria para a coordenação fina na qual as fases correspondentes do movimento estão separadas pela estrutura cinética e dinâmica, apresentando a aprendizagem consciente e autoperceptível como característica inicial e finalmente por uma estabilização da sequência do movimento frente a situações variadas e assim se automatiza a ponto de movimentos tornarem-se independentes do próprio controle sensor.

Isso não quer dizer que o esporte deve ser banido da Educação Física. É preciso que o esporte seja trabalhado dentro da escola nas suas diversas dimensões e não apenas em uma.

O esporte pode ser entendido tanto como um fato histórico e social, com estruturas rígidas e determinadas como um espaço aberto de ação e de movimento, no qual os homens realizam suas idéias e necessidades e podem alterar criticamente o esporte existente.

Dentro destas perspectivas podemos considerar o esporte como:

- algo socialmente regulamentado, ou seja, ele é trazido aos alunos como um sistema já existente em suas formas de ação e regras;
- algo a ser aprendido, ou seja, somente através do saber é que ele pode ser vivenciado. Os alunos só podem participar dele se souberem as formas de ação institucionalizadas;
- algo a ser assistido, desta forma os alunos poderão ter uma participação crítica no esporte passivo, isto é, quando eles estiverem assistindo ou consumindo o esporte fora da ação desportiva;

- como algo a ser refletido, pois o aluno precisa refletir e conhecer os pré-requisitos, as dificuldades e as consequências das ações práticas;
- como algo a ser modificado, pois se apresenta ao aluno como uma construção social que não pode exigir validade absoluta e cujas possibilidades não se esgotam com as formas de ação institucionalizadas, sendo assim um campo de ação aberto para mudanças.

Desta forma, o que necessita ser feito é um trabalho buscando o sentido do movimento ao invés da adaptação inconsciente, de ir ampliando as ações de jogo e movimento no dia-a-dia do mundo de movimento e dispor as situações de ensino de tal maneira que os alunos tenham chance de entender o esporte como algo institucionalizado, podendo ser modificado e tornando-o possível, no sentido de atender aos interesses dos alunos e as mudanças da vida cotidiana.

Se a Educação Física pretende desenvolver no aluno fatores que excedam simplesmente a parte física, é necessário que a sua metodologia e o seu objetivo permitam isso. Se a aula tiver como objetivo a aprendizagem da técnica pura e simples, dando ao aluno a chance de apenas reproduzir aquele movimento, certamente teremos um planejamento que na realidade é um treinamento e talvez esta não seja a única forma que este conteúdo da Educação Física deva ser trabalhado. Desta forma fica difícil esperar um desenvolvimento que não seja o físico. Fica difícil esperar uma participação diferente do aluno que não seja o papel de mero objeto da aula, ao invés de sujeito.

“Tal compreensão dos conteúdos do ensino de Educação Física, restrita à habilitação para ações esportivo-motoras adequadas as

modalidades esportivas, tem muitas vezes, no plano da situação de ensino concreta, uma sequência de “passos de aprendizagem” e conseqüentemente, séries metodológicas de exercícios, formas de exercícios condicionais , exercícios ginásticos, nos quais os alunos se tornam objetos.”

(HILDEBRANT, 1986)

3- EDUCAÇÃO FÍSICA COM UMA CONCEPÇÃO **ABERTA ÀS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS**

Desta forma, como poderia ser dada uma aula de atletismo com o tema saltar, por exemplo, sem que haja uma busca da técnica, treinamento, progressão de dificuldade, diretividade do professor ? Esta parte do estudo trata justamente da descrição deste tipo de aula.

Saltar é considerado dentro da aula de Educação Física como um dos movimentos do atletismo, seja ele o salto com vara, o salto em altura ou o salto em distância. Desta forma, o planejamento das aulas vão de encontro com um processo onde o aluno irá passar pela fase do correr, saltar (para cima ou para o alto) e aterrizar.

Assim, o tema saltar deve ser apresentado aos alunos de forma que eles possam descobrir oportunidades de saltos e que movimentos cotidianos possam oferecer maior riqueza ao tema. Os alunos devem receber espaços de ação para que eles possam desenvolver idéias relacionadas ao tema.

A seguir, será descrita uma aula de Educação Física com base nas concepções abertas às experiências dos alunos, aplicada para uma classe com 34 alunos, sendo 27 meninos e 7 meninas e que está descrita no livro **Visão didática da Educação Física**.

Na primeira aula, houve uma caminhada de 35 minutos pelo terreno para reconhecimento de situações de salto. Nos 15 minutos restantes os alunos deveriam desenhar as situações de salto encontradas. A seguir, as

possibilidades de salto encontradas são citadas e as atividades que os alunos desenvolveriam nas respectivas situações foram descritas. As situações de salto são: um pequeno desnível no gramado, um muro de cimento de 1,80 metros, uma árvore, poças d'água, corte no terreno e um fosso.

Na segunda aula, os alunos procuraram perceber conscientemente o próprio "vôo" ou saltar do chão e "voar". Nesta aula buscou-se experimentar as qualidades das diferentes situações de salto relacionadas ao momento de decolar e voar. Os seguintes problemas foram formulados: como você age para saltar o máximo em altura, distância ou para baixo e como o aluno se sentia ao voar nas diferentes situações.

Os alunos tinham que responder questões pré-formuladas pelo professor e respondê-las de acordo com as experiências de saltos da aula anterior. No final da aulas os grupos comentaram suas experiências.

Na terceira aula os alunos iriam resolver se é possível saltar mais alto e mais longe com uma vara. Para a aula havia 15 bambus com diferentes tamanhos para uso dos alunos. Com as dúvidas iniciais foi colocada outra questão para os alunos: Como podemos saltar com varas? A sala foi dividida em grupos e depois de 10 minutos reunida para apresentar as soluções encontradas. Depois disso seria tratado o segundo problema. Os alunos apresentaram suas soluções. Depois começaram a trabalhar no segundo problema. Para isso o professor pediu que eles usassem as situações conhecidas de salto ou desenvolvessem novas idéias. Eles deveriam anotar os seus resultados nos saltos em altura e distância, com e sem vara e compará-los. A variedade e a propriedade dos alunos eram impressionantes: na situação de salto em distância, um grupo usou um terreno de barro para poder marcar a distância do salto, enquanto outro grupo saltava na grama e utilizava bambus para marcar a distância. Um outro grupo usava as poças d'água como

marcação. Para o salto em altura, dois alunos seguravam um bambu na horizontal que determinava a altura do salto e após a execução do salto, era marcada em um outro bambu a altura.

Para finalizar, o problema em questão foi novamente discutido. A maioria dos alunos não obtiveram marcas maiores com a vara. O bambu atrapalhava na corrida e no salto, outros discordavam desta opinião.

A maioria dos alunos acharam que a vara não ajudaria no salto.

Podemos verificar nesta situação que a conclusão atingida pelos alunos não foi uma imposição do professor, mas uma comprovação realizada pelos alunos que tiveram possibilidade de exploração ao tema e autonomia para criação.

4- AS CONCEPÇÕES DE AULAS ABERTAS ÀS EXPERIÊNCIAS

Mas há uma alternativa para um quadro tão negro neste tipo de aula tão comum no mundo da Educação Física ? Como mudar esta diretividade do professor, como fugir do rendimento ?

Se considerarmos a concepção de aulas fechadas, onde elas estão centradas no professor (que é o centro da configuração da aula, do planejamento e da decisão), no produto (no qual se busca um melhoramento do movimento técnico), nas metas definidas (que visa conseguir objetivos de aulas bem definidos, formulados como atitudes motoras que os alunos devem realizar) e na intenção racionalista (que é determinada pelo planejamento, organização e orientação rigorosa das ações para alcançar o objetivo da aula rapidamente e sem problemas), fica difícil almejar uma mudança, pois os conteúdos são definidos sistematicamente e se orientam em formas de comportamento estáveis e com qualificações previamente definidas, no qual o ensino é entendido só como instrução ou ensino formal.

Mas sob a concepção de aulas abertas que estão centradas no aluno (possui espaço substancial de ação e de decisão nas aulas, no planejamento e na realização das aulas), no processo (no qual o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que estão no centro do interesse didático), nos problemas (que visam dar a oportunidade ao aluno de criar, experimentar e avaliar as experiências em busca da resposta) e na comunicação (propiciando uma

interação entre aluno e professor), uma nova perspectiva ou visão de Educação Física aparece .

Para as concepções aberta às experiências dos alunos o ensino da Educação Física deve permitir uma abertura em relação aos seus conteúdos. Deve permitir a atuação de seus alunos para que eles possam agir de forma independente, reconhecendo suas possibilidades de atuação, seja na estruturação ou na organização das aulas. Desta forma, professor e aluno planejam as aulas conjuntamente possibilitando que os alunos assumam responsabilidades para o futuro e que eles tragam para a aula de Educação Física as possibilidades de jogo e movimento que estão presentes no seu cotidiano para tematizá-las de maneira que eles possam ampliar estas possibilidades.

A definição de aula aberta pode ser dada da seguinte forma :

“Definimos como aula aberta, aquela em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido das ações. Isto significa que os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar experiências que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana.”

(Grupo de trabalho pedagógico UFPe – UFSM , 1991)

Esta concepção exige também uma observação crítica em relação aos interesses e intenções dos alunos. Num processo de encontro de interesses deve ser exposto tanto as intenções do professor como os objetivos de ação dos alunos.

Nesta concepção, as aulas de Educação Física serão um lugar de construção de situações em que devem acontecer: a aprendizagem, o exercício, a aplicação e a educação.

Numa análise mais superficial e equivocada, a concepção aberta às experiências dos alunos acaba sendo considerada uma aula na qual os alunos estão livres para fazerem o que quiserem, uma aula na qual não se aprende nada, que há divisão de competências do processo global de aprendizagem e educacional em diferentes orientações de ensino e ainda uma aula praticamente impossível de ser praticada pois os alunos não são capazes ou não estão preparados para decidir.

Se os alunos tem liberdade de fazer e decidir o que eles quiserem sem uma coerência ou intenção de trabalhar com os assuntos propostos, com certeza esta aula não fará parte de um ensino aberto, mas de uma aula com o objetivo da “conformidade”. No ensino aberto, o poder de decisão dado ao aluno é acompanhado com o ensinamento de como usar esta competência, além de possuir por trás das aulas um planejamento. Não se trata de um planejamento igual ao do ensino fechado que dá ao professor o monopólio de sua realização. Trata-se de um planejamento com a participação dos alunos que vão assim se transformando em sujeitos e não objetos das aulas, possibilitando outros objetivos educacionais como a emancipação, criatividade, competência social, etc.

“Seria absurdo aceitar - do ponto de vista psicossocial e da aprendizagem - que ao final de uma longa sequência, sem perder de vista objetivos e conteúdos, se pudesse implantar nos alunos autonomia e capacidade de decisão determinados por processos de aprendizagem escolar estranhos a eles.”

(HILDEBRANDT, 1986)

Dizer também que não se aprende nada no ensino aberto é questionável. Além de possibilitar outros fatores como a criatividade, independência, competência social, prontidão afetiva, capacidade de comunicação, de crítica e de decisão, o ensino aberto também possibilita a aprendizagem de conhecimento e não a memorização, devido a orientação sempre solicitada e desenvolvida pelos próprios alunos, ao contrário de uma orientação imposta pelo professor.

Com relação a divisão das competências dos processos de ensino e educacional em diferentes áreas de objetivos, na qual o ensino aberto está relacionado com a disposição de objetivos superiores da educação e com as concepções fechadas, é preciso considerar que não há um espaço que delimite a aprendizagem de decursos da aprendizagem esportiva e o desenvolvimento de habilidades motoras esportivas básicas, sendo assim necessário equilibrar os procedimentos orientados para resultados com arranjo de situações de ensino aberto, de modo que se esgotem todas as possibilidades neles contidas de promoção do desenvolvimento e da educação dos alunos.

E a crença da incompetência dos alunos com relação as decisões a serem tomadas, não pode ser considerada ao analisar que as aulas possuem situações de ensino em que os alunos podem decidir com base nas experiências que ele possui até o momento. Para isso, essa criação de situações que possam ser dominadas pelos alunos passa pelo desdobramento de situações dadas, no âmbito de intenções do professor e dos objetivos de ação dos alunos.

CONCLUSÃO

Ao considerar as possibilidades de atuação dentro das aulas de Educação Física, o professor precisará realizar uma reflexão e uma decisão por uma delas. Seja ela uma concepção aberta, fechada ou de qualquer outro tipo. Mas é necessário que ele tome uma posição. Paulo Freire diz:

“Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo.”

(FREIRE, 1998)

O professor não pode ser duas coisas ao mesmo tempo ou ainda ensinar dentro de um senso comum, sem que haja uma base prática e teórica por trás de cada palavra e ato na sala de aula, juntamente com uma fala que esteja sempre de acordo com os atos do professor.

Assim o primeiro passo a ser dado é considerar o que a educação pode fazer pelos alunos, quais são os objetivos que a educação possui, como a Educação Física está presente dentro desta concepção e ainda se ela se enquadra dentro das concepções que o professor tem.

Se o professor quer propiciar aos alunos a capacidade de ação, criação, reflexão, crítica, autonomia e responsabilidade, ele tem na concepção aberta às experiências dos alunos a grande chance de sua realização.

Para esta concepção a educação é entendida como algo que transcende o depósito de conhecimentos, desvinculados com a realidade do aluno. Ela é entendida como:

“... uma parte da socialização geral, isto é, aquele setor de interações conscientes e socialmente regulamentadas, nas quais o jovem, no seu processo de desenvolvimento, é qualificado a aprender maneiras culturais de uma sociedade e prosseguir no seu desenvolvimento, e neste processo de qualificação tornar-se uma pessoa independente e responsável.”

(Grupo de trabalho pedagógico UFPe – UFSM , 1991)

Assim, as aulas de Educação Física são planejadas de forma que haja a oportunidade do aluno de intervir na organização, que anule o monopólio de ação, decisão e solução do professor, que favoreça o diálogo, que dê liberdade para o aluno criar, que use materiais alternativos, que respeite a individualidade e a comunidade dos alunos, enfim, que favoreça o crescimento geral do aluno. E o que parece mais inacreditável é que tudo isso cabe dentro de uma aula de Educação Física. Tudo isso cabe dentro de uma aula de atletismo. Inúmeras questões podem ser discutidas dentro de uma aula, só é necessário que haja espaço para que isso ocorra. X

Não que as aulas de Educação Física ou as aulas de qualquer outra disciplina sejam a solução do mundo. Não é a escola que vai tirar o aluno, por exemplo, da passividade ou da simples assimilação dos argumentos apresentados em qualquer discussão. Há além da escola outros meios que também educam e desenvolvem os alunos como a TV, a igreja, os amigos, etc. A concorrência com os meios de comunicação chega a ser desleal. É muito mais fácil aceitar o que é apresentado no noticiário do que discutir inúmeras

horas sobre as injustiças sociais por exemplo. Mas, não se pode negar a importância deste tipo de concepção que dará no mínimo a chance de abrir a porta para o posicionamento crítico diante dos assuntos.

E apesar de tudo que já foi apresentado, há a certeza de que este assunto ainda não está encerrado. Ainda há espaço para muitas discussões e inclusões. Não se trata de um assunto acabado, mas é muito valioso pelas idéias que transmite e pela exemplificação destas idéias em aulas. Não se trata de uma teoria distante na qual a prática parece tão improvável quanto impossível.

BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, P. – Pedagogia da autonomia, São Paulo: Editora Paz e Terra, 8ª Edição, 1998.
- HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. - Concepções abertas no ensino da educação física- Rio de Janeiro: Editora Ao livro técnico, 1ª Edição, 1986
- KIRSCH, A . – Antologia do atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes, Rio de Janeiro: Editora Ao livro técnico S/A, 1ª Edição, 1983;
- KRING, Ray F. – Atletismo nas escolas: guia prático de treinamento, 3ª Edição, São Paulo: Editora Cultrix, 1968;
- Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas/ Grupo de trabalho pedagógico UFPe – UFSM. - Rio de Janeiro: Editora Ao livro técnico, 1ª Edição, 1991.